

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO

JOSÉ ELIAS MENDES NETO

A TERRA, O HOMEM E A LUTA NO JORNALISMO LITERÁRIO:
DISCURSO E TRAVESTILIDADE N'OS SERTÕES

UBERLÂNDIA – MG

2018

JOSÉ ELIAS MENDES NETO

**A TERRA, O HOMEM E A LUTA NO JORNALISMO LITERÁRIO:
DISCURSO E TRAVESTILIDADE N'OS SERTÕES**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo

UBERLÂNDIA – MG

2018

JOSÉ ELIAS MENDES NETO

**A TERRA, O HOMEM E A LUTA NO JORNALISMO LITERÁRIO:
DISCURSO E TRAVESTILIDADE N'OS SERTÕES**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo
(Orientador – FACED/UFU)

Prof.^a Dr.^a Ivanise Hilbig de Andrade
(Examinadora – FACED/UFU)

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne
(Examinador – FACED/UFU)

Uberlândia, 19 de dezembro de 2018

*À lésbica, gay, bissexual, travesti ou transexual que
morreu violentamente, em meu lugar, em alguma
parte do Brasil nas últimas 24 horas.*

MENDES NETO, José Elias. **A terra, o homem e a luta no jornalismo literário: discurso e travestilidade n'Os Sertões**. 2018. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa investiga se o Jornalismo Literário, com a proposta de emancipar e humanizar os personagens, seria capaz de produzir novos sentidos acerca da identidade de sujeitos LGBT e, em consequência, contribuir positivamente com a luta anti-LGBTfobia. Para tal, toma-se como *corpus* o perfil jornalístico de uma travesti, “Lohanne – Na *lan house* das maravilhas”, capítulo do livro-reportagem “Os Sertões”, da jornalista brasileira Fabiana Moraes. Utiliza-se, enquanto metodologia, a Análise do Discurso de linha francesa a partir do pensamento de Michel Foucault, principalmente, da percepção de que a subjetividade do sujeito é constituída no e pelo discurso. Contrariando a hipótese levantada, observa-se que o texto analisado não foi totalmente efetivo na quebra de estereótipos com relação ao sujeito travesti.

Palavras-chave: Discurso. Jornalismo Literário. LGBTfobia. Os Sertões. Travestilidade.

MENDES NETO, José Elias. **A terra, o homem e a luta no Jornalismo Literário: discurso e travestilidade n'Os Sertões**. 2018. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

ABSTRACT

This research investigates if Literary Journalism, with its emancipatory and humanizing proposal of its characters, is capable of producing new meanings about the identity of LGBT subjects and, as a consequence, acting positively in the anti-LGBTphobia fight. For that, it is taken as a sample of the journalistic profile of a transvestite, "*Lohanne - Na lan house das maravilhas*", chapter of the book "*Os Sertões*", of the Brazilian journalist Fabiana Moraes. As a methodology, we use a Discourse Analysis from Michel Foucault's thinking, mainly, on the perception that the subjectivity of the subject is constituted in and by the discourse. Instead to the hypothesis raised, it is observed that the text analyzed was not totally effective in breaking down stereotypes regarding the transvestite.

Keywords: Discourse. Narrative Journalism. LGBT phobia. Os Sertões. Transvestite.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ANTES DE TUDO, FORTES	12
2.1 A TERRA	16
2.1.1 Livro-reportagem: uma reação à efemeridade do jornalismo	16
2.1.2 Jornalismo Literário - fugindo das jaulas narrativas	18
2.1.3 Perfil, um subgênero jornalístico	22
2.1.4 Análise do Discurso de linha francesa foucaultiana	24
2.2 O HOMEM	26
2.2.1 “Aberrações sexuais”: sujeitos de sexualidade desviante e travestilidade	27
2.3 A LUTA	29
3 OLHARES PARA O SUJEITO	32
3.1 A TRAVESTILIDADE DE LOHANNE	32
3.2 O “OUTRO” QUE VÊ LOHANNE	35
3.3 LOHANNE: A TERRA, A MULHER, A LUTA	38
4 CONSIDERAÇÕES: PROGREDIMOS OU DESAPARECEMOS?	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXO A – CORPUS DA PESQUISA	47

1 INTRODUÇÃO

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, disse Euclides da Cunha numa das passagens mais famosas do clássico **Os Sertões**. O livro é tido como obra icônica para a literatura brasileira que, com base em reportagens publicadas pelo jornal **O Estado de S. Paulo** entre 1897 e 1898, relatou – em estilo literário – a Guerra de Canudos, ocorrida no sertão da Bahia. A obra é considerada um marco do jornalismo brasileiro por ser a introdução, no país, do gênero livro-reportagem. Indo mais além, pode-se considerar que **Os Sertões** euclidiano antecede, em mais de meio século, a origem oficial do chamado Jornalismo Literário, na década de 1960 nos Estados Unidos (PENA, 2011).

O Jornalismo Literário se apropria de características da literatura de ficção para retratar histórias baseadas em personagens, lugares ou situações reais em seus diversos formatos – como reportagens, perfis ou livros-reportagem. Por se utilizar de técnicas de abordagem mais aprofundadas, busca se aproximar do interior de suas fontes e representar suas identidades de maneira humanizada, não-maniqueísta e respeitosa em relação a subjetividades (PENA, 2011).

Com frequência, o Jornalismo Literário é utilizado para dar novos espaços à voz daqueles que não são considerados fontes oficiais, os chamados “invisíveis” – como pobres e pessoas com deficiência –, grupos sociais que pouco são colocados como sujeitos ativos na agenda da mídia tradicional. Exercendo a cidadania, a configuração aprofundada da reportagem pratica a representatividade, retratando identidades marginais como forma de *empoderamento*¹ destas, questionando estereótipos e valorizando a diversidade.

Encontram-se no rol de “invisíveis” o grupo representado por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, os LGBTQs, sigla que representa uma das mais utilizadas por movimentos sociais que buscam direitos igualitários de sujeitos que se expressam afetiva e sexualmente à margem da norma heterossexual. Com base no comportamento cultural e social que considera o relacionamento entre homem e mulher – que assim se expressem em sexo e gênero –, a opressão contra esses sujeitos desconsidera qualquer tipo de comportamento alheio a essa pretensa união, gerando o apagamento de outras subjetividades (PELÚCIO, 2007).

Louro (2004) explica que, na atualidade, a visibilidade das chamadas “minorias” sexuais tem aumentado e, conseqüentemente, a luta contra os grupos conservadores. A

¹ Neologismo ligado à linguagem digital derivado da palavra anglo-saxônica *empowerment* que significa “dar poder a”.

princípio, a autora usa um trecho do editorial da revista **La Gandhi Argentina** (1998) para ressaltar que a terminologia que classifica LGBTs como comunidades minoritárias é imprópria: “as minorias sexuais nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho - gay, étnico, de gênero” (LOURO, 2004, p. 28). Por fim, a autora resalta os efeitos contraditórios proporcionados pela visibilidade destes sujeitos, sua complexa e contínua transformação e instabilidade e a necessidade de serem estudados.

Por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física (LOURO, 2004, p. 28).

Aos atos de preconceito sofridos por esses sujeitos – que vão dos simbólicos aos físicos, passando pelos verbais – a militância convencionou, recentemente, a nomear LGBTfobia, em detrimento do termo “homofobia” antes utilizado (o prefixo “homo” remete aos homossexuais masculinos, gerando invisibilidade às outras expressões de gênero e identidade sexual). O sujeito LGBT é, antes de tudo, um forte.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que o jornalismo possui um sentido educativo, ou seja, por constituir poder de verificar e validar informações, atua de alguma forma no processo de construção dos sujeitos em procedimentos dialógicos em relação à cultura e sociedade. Nesse sentido, o estudo questiona as pontualidades do discurso do Jornalismo Literário na representação e representatividade do sujeito LGBT, especificamente no caso de uma travesti.

A pesquisa parte da hipótese de que o Jornalismo Literário possui as ferramentas necessárias para garantir a visibilidade e representatividade dos sujeitos LGBT de maneira a aproximar-se com mais fidelidade de suas identidades individuais, atuando como alternativa aos meios tradicionais de jornalismo.

A partir do cruzamento de todas estas questões, a presente pesquisa se propõe a investigar se e como o Jornalismo Literário, ao observar a identidade como representação na Análise do Discurso de linha francesa, pode contribuir na produção de sentidos que permitam uma outra leitura social, questionando estereótipos, do sujeito LGBT. Em outras palavras, a pesquisa se pergunta: quais seriam as peculiaridades do discurso no Jornalismo Literário ao representar o sujeito travesti em um objeto de pesquisa específico?

Para tal, toma-se como objeto de pesquisa o livro-reportagem **Os Sertões**, da jornalista Fabiana Moraes. O fato de ser homônimo à obra euclidiana não é mera coincidência. Publicada originalmente pelo **Jornal do Commercio**, em 2009, como parte das comemorações pelo centenário de Euclides da Cunha, a reportagem especial venceu o Prêmio Esso de Jornalismo daquele ano – na categoria “Regional 1” (PORTAL IMPRENSA, 2009) – e, em seguida, foi republicada em forma de livro-reportagem.

No livro, a jornalista percorre diversas cidades em alguns estados do Nordeste brasileiro e conta, no formato de pequenos perfis, histórias de sertanejos anônimos que são, antes de tudo, fortes. Dentre os perfilados, uma das personagens representa um sujeito LGBT e torna-se, portanto e mais especificamente, o objeto de análise desta pesquisa. O capítulo analisado será **Lohanne – Na lan house das maravilhas**, em que a perfilada é uma travesti. Desta forma, torna-se necessário um último recorte dentro da própria categoria LGBT. Aos interesses dessa pesquisa, serão úteis os conceitos de sexualidade e heteronormatividade discutidos por Foucault (2003), Barbosa (2010) e Pelúcio (2007) e, ainda, da resignificação do termo “travestilidade” proposto por Peres (2004).

A busca pelas respostas aos questionamentos levantados até aqui é o ponto de partida para o estabelecimento dos objetivos geral e específicos deste estudo. Como objetivo geral, esta pesquisa pretende compreender a construção social da identidade travesti e discutir sua representação pelo chamado Jornalismo Literário. Já seus objetivos específicos percorrem o desejo de estudar a história do movimento LGBT, estabelecer leituras a respeito de performances de gênero e investigar se o Jornalismo Literário, ao se propor a constituir a representação do outro, se aproxima ou se distancia das identidades do sujeito travesti. Além disso, pretende-se contribuir politicamente com a pauta social da militância no combate à LGBTfobia.

A motivação primária da pesquisa proposta toma base nos interesses particulares do pesquisador tanto da perspectiva acadêmica, visto a afeição pelos estudos do Jornalismo Literário e os livros-reportagens, quanto da perspectiva de vivência individual. Por estar inserido, enquanto homossexual, no contexto de opressão sofrido pela categoria, o autor possui simpatia pela temática e pela militância da causa.

Desta forma, o trabalho se justifica, a princípio, do ponto de vista acadêmico-científico por se propor a contribuir teoricamente com os campos de estudo da Comunicação Social e do Jornalismo, com enfoque no Jornalismo Literário, livros-reportagem e Análise do Discurso. Ainda pouco estudado, abordar o Jornalismo Literário em um trabalho de monografia se

justifica pela possibilidade de ampliar a compreensão deste modo de fazer jornalístico como alternativa às jaulas narrativas do jornalismo tradicional.

Por ter como objeto, também, o sujeito LGBT – um invisível social –, a pesquisa se sustenta, ainda, no âmbito das preocupações sociais. Tomando-se a devida distância necessária, levar temas da militância para a academia é relevante à medida que pode prover retorno positivo para a própria luta identitária. Sendo assim, a pesquisa se justifica, por último, por ambicionar implicações políticas que permitam compreender e contestar manifestações de hierarquia e opressão.

Sendo assim, este trabalho é uma pesquisa em Análise do Discurso de linha francesa cuja estruturação das partes que o compõem parte do pressuposto de que, ao considerar que a normalização da heteronormatividade como tradição de costumes e estereótipos foi criada e estabelecida pela própria sociedade com o suporte dos meios de comunicação, é possível ressignificar afetividades e sexualidades em espaços marginais de saber e poder. Em resumo, consideramos a premissa de que o Jornalismo Literário pode e deve ser utilizado no intuito de produzir novas leituras sociais do sujeito LGBT e, em consequência, combater à LGBTfobia.

Para tanto, tal qual a obra de Euclides da Cunha, o **Capítulo 2** deste estudo divide-se em três partes que representam os três pilares de sustentação necessários à realização da pesquisa: **A Terra**, **O Homem** e **A Luta**. Depois de apresentar em detalhes o *corpus* da pesquisa, **A Terra** dá início à fundamentação teórica deste trabalho. Para a contextualização da abordagem teórica da Análise do Discurso foucaultiana, autores como Silva, F. (2004) e Costa (2009) serão utilizados, além dos escritos do próprio Michel Foucault.

A Terra ainda se vale dos escritos de Pessa (2009), Pena (2011) e Wolfe (2004) para discutir o que se nomeia, na contemporaneidade, como Jornalismo Literário, e de Lima (2009), Olinto (2008), Prizibiszki (2007) e Bulhões (2007) na compreensão do chamado livro-reportagem.

Em **O Homem**, recorreremos à uma breve reconstrução histórica que nos levará aos conceitos atualizados da chamada sexualidade desviante e de seus sujeitos, com foco no travesti e na travestilidade. Essa incursão contará com o suporte de autores como Foucault (2003), Barbosa (2010), Pelúcio (2007) e Peres (2004). Finaliza-se as discussões teóricas em **A Luta**, com o apoio de autores como MacRae (1985) e Facchini (2000, 2003) na conceituação de termos como a normalização da sexualidade, LGBTfobia e da política identitária dos movimentos sociais.

Adiante, o **Capítulo 3** realiza uma análise do perfil **Lohanne – Na lan house das maravilhas**, recortado do livro-reportagem **Os Sertões** (2010), da jornalista Fabiana Moraes.

Neste momento, por meio de elementos constituídos pela base teórica que sustenta esta pesquisa, serão elucidadas as matrizes discursivas que basearam nossas análises e apresentados os indícios que comprovam ou refutam a hipótese.

O ponto final deste texto encontra-se nas **Considerações: progredimos ou desaparecemos?** que devem ser lidas mais como uma vírgula. Muito além de responder aos questionamentos que deram início à pesquisa, funcionam como um intervalo dedicado à reflexão, no qual se comentam os sentidos observados e se organizam as questões que, em consequência deste trabalho, surgiram.

2 ANTES DE TUDO, FORTES

Esta pesquisa tem finalidade aplicada, já que possui objetivo científico com implicações políticas de interesse aos movimentos sociais anunciando o conhecimento necessário para fazer frente aos processos normalizadores que justificam o uso das diferenças como marcadores de hierarquia e opressão. Para tal, a pesquisa se fundamenta no conceito e nas características do Jornalismo Literário articulados ao embasamento teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa foucaultiana a fim de investigar se e como este gênero jornalístico pode contribuir no combate à LGBTfobia.

Quanto aos objetivos, a pesquisa se sustenta em uma proposta explicativa visto que pretende identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de um fenômeno relacionado a uma temática ainda pouco explorada: o Jornalismo Literário na luta anti-LGBTfobia. As pesquisas explicativas são, de acordo com Gil (2008, p. 28), “o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”.

Por não ser possível quantificar seus dados e informações, a natureza deste trabalho é qualitativa, enquadrando-se no que ressaltam Lüdke e André (1986, p. 12) ao conceituarem esse tipo de pesquisa:

O pesquisador deve, assim, atentar para o maior número de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para melhor compreensão do problema que está sendo estudado [...] Visa-se a extração de um grande número de informações a partir de poucos análises exemplares, baseado na análise qualitativa.

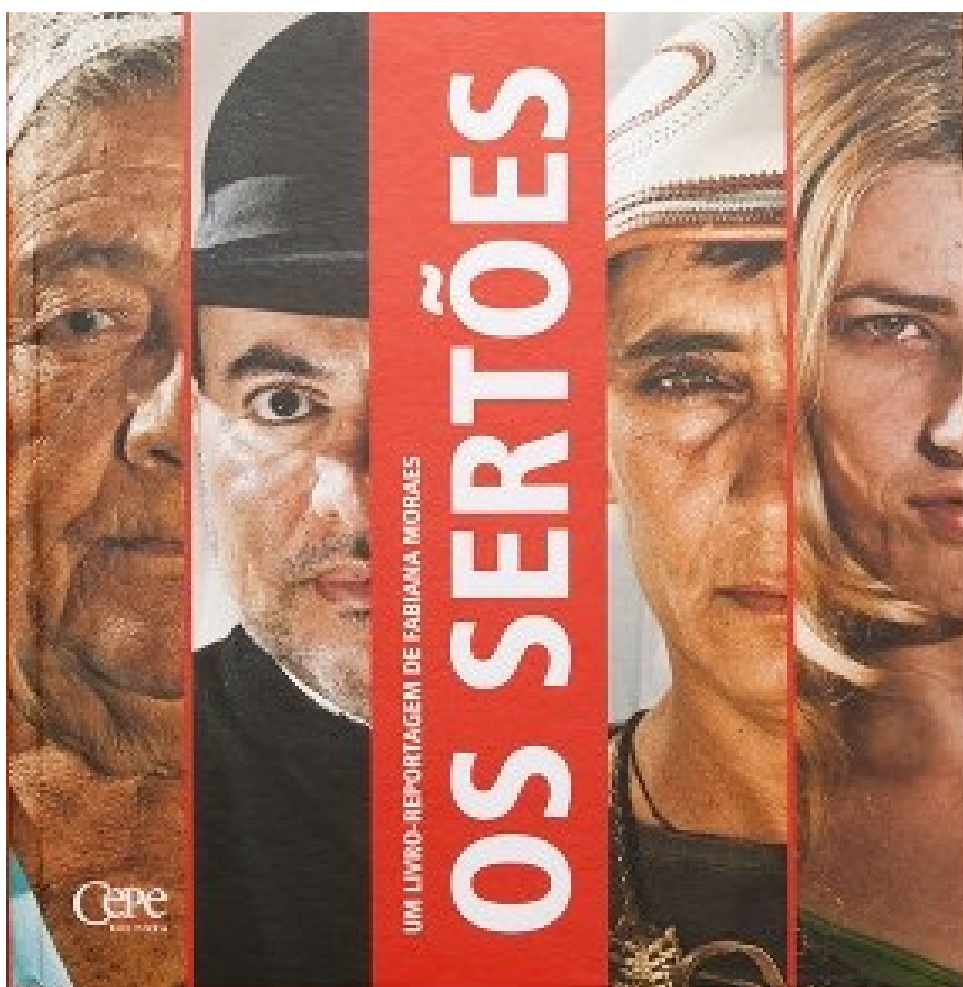
A observação dos dados que pretende traçar um panorama de relação entre a produção de sentido do Jornalismo Literário e uma possível nova leitura social dos sujeitos LGBT leva em conta o protocolo metodológico proposto pela Análise do Discurso de linha francesa foucaultiana. Por não depender de contato físico com pessoas ou lugares específicos para sua realização, a pesquisa foi concretizada em laboratório. Todo o aporte teórico-metodológico essencial à realização da pesquisa passa a ser discutido, agora, neste **Capítulo 2** e em suas ramificações que representam os pilares sustentadores do trabalho: **A Terra, O Homem e A Luta**.

Considera-se como universo da pesquisa o Jornalismo Literário e, como *corpus*, o livro-reportagem **Os Sertões**, de Fabiana Moraes, representante deste tipo de jornalismo que nunca recebeu tratamento analítico. Compõe a amostra o capítulo **Lohanne – Na lan house**

das maravilhas. O recorte é explicado pelo fato de, dentre os personagens retratados pelo livro, esta se enquadrar como sujeito LGBT sendo, especificamente, uma travesti.

Para aqueles que escolhem um livro pela capa (Figura 1), não há como negar que **Os Sertões** de Fabiana Moraes é um prato cheio. De um vermelho vivo e permeado pelos olhares daqueles que, mais tarde, descobriremos serem seus personagens da vida real, passando pelo formato incomum de edição no universo editorial (quadrado), pode-se considerar que o livro é passível de atrair um ou outro desavisado em uma livraria.

FIGURA 1 – OS SERTÕES, FABIANA MORAES



Fonte: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) / Projeto gráfico de Yana Parente e fotos de Alexandre Severo (MORAES, 2010)

Não é mera coincidência que a obra seja homônima a um dos cânones da literatura brasileira. Escrita, originalmente, em forma de reportagem ao **Jornal do Commercio** (2009), o texto foi encomendado de forma a comemorar o centenário de Euclides da Cunha (FERREIRA, 2010 apud MORAES, 2010). Por ter vencido o Prêmio Esso de Jornalismo

daquele ano, a reportagem especial foi reorganizada e ganhou o mundo em forma de livro-reportagem.

Os Sertões de Euclides da Cunha teve trajetória parecida: enviado às Campanhas de Canudos, na Bahia, o jornalista relatou o que encontrou ao jornal **O Estado de S. Paulo** entre 1897 e 1898. Republicada no formato de livro-reportagem, a obra marcou o jornalismo brasileiro por considerar-se a pioneira do gênero no país (CUNHA, 2002). Pela estilística utilizada pelo jornalista nos textos, **Os Sertões** euclidiano antecede, ainda, a origem oficial do chamado Jornalismo Literário nos Estados Unidos da década de 1960 (PENA, 2011).

Já **Os Sertões** de Fabiana Moraes, apesar de guardar inúmeras similaridades com o texto de Euclides da Cunha, não relata os acontecimentos de uma guerra. O livro é fruto da apuração que levou a jornalista a percorrer mais de quatro mil quilômetros, passando por 17 cidades em 4 estados do Nordeste brasileiro e contando, no formato de pequenos perfis, histórias de sertanejos anônimos (MORAES, 2010). O resumo fornecido pela própria autora expressa com maestria o que a obra representa: “São apenas algumas palavras e fotos, instantâneos das gentes que caminham por ali. Vivem nas igrejas, na estrada, na *lan house*, na discoteca. Vivem sobre o boi brabo ou sob a lona que, quando esquentada, cozinha o juízo” (MORAES, 2010, p. 21).

Para o escritor cubano Pedro Juan Gutiérrez, **Os Sertões** de Fabiana Moraes constituem um retrato.

Estes relatos têm muita força, como as fotografias. Eles marcam a pessoa porque são sujeitos em situação limite. Vivem à beira do abismo e não podem dar um passo atrás. Fabiana consegue nos pegar, nos mergulhar nos Sertões, como se passasse nosso focinho contra aquela terra dura, abandonada de Deus. Ao duro. Obrigar-nos a olhar de frente, sem medo, as áreas mais agrestes e selvagens desse terrível e autodestrutivo processo civilizatório que inventamos. Só assim que nosso coração se enche de amor e compaixão para com nós mesmos... dentre outras coisas (GUTIÉRREZ, 2010 apud MORAES, 2010, p. 9).

As 119 páginas foram editadas e publicadas pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) e não atingiram o *mainstream* do mercado editorial. A obra só pode ser adquirida por meio do *website* da editora e, ao final da realização dessa pesquisa, estava sob o custo de R\$ 40,00. Além dos 13 perfis de sertanejos ilustrados com fotografias de Alexandre Severo e Heudes Régis, a publicação conta com prefácio de Pedro Juan Gutiérrez, textos de Schneider Carpeggiani, Maurício Antunes e Caio Maciel e o epílogo **De volta ao lugar do qual você nunca saiu**, da própria autora – que revisita, um ano depois, seus personagens agora

eternizados em livro. “Uns morreram, alguns estão felizes. Outro, dizem, segue com o Maligno” (MORAES, 2010, p. 107).

Na busca por amplificar o alcance de seu objeto de estudo, Lima (2009) identificou 13 categorias de livros-reportagem em sua proposta de classificação de suas variantes. Como o próprio autor ressalta, a categorização não pretende ser definitiva ou hermética, podendo a mesma obra se enquadrar em uma ou mais vertentes simultaneamente. Desta forma, é possível relacionar **Os Sertões** de Fabiana Moraes aos tipos livro-reportagem-retrato, livro-reportagem-antologia e livro-reportagem-viagem, cujos detalhamentos podem ser encontrados no quadro a seguir.

QUADRO 1 – GÊNEROS DE LIVRO-REPORTAGEM

SUBGÊNERO	CARACTERÍSTICAS
Livro-reportagem-retrato	Escolhe um objeto, que pode ser região geográfica, determinado segmento da economia, algum setor da sociedade e até mesmo uma instituição (pública, privada ou terceirizada) para traçar a imagem do elemento em questão através de descrições sobre mecanismos, problemas e complexidades.
Livro-reportagem-antologia	Reunião de diversas reportagens com juízos distintos. As matérias podem ser agrupadas por autor, tema ou por autores diferentes, porém com mesmo gênero ou categoria.
Livro-reportagem-viagem	Impressões do autor sobre sua viagem a determinada região geográfica em vários aspectos de caráter sociológico, humano, cultural, e histórico do local. Baseado em muita pesquisa, informação e análise de conflitos.

Fonte: LIMA, 2009, p. 8.

O livro-reportagem objeto da presente monografia é “retrato” ao nos “mergulhar nos sertões” (GUTIERREZ, 2010 apud MORAES, 2010) e por se propor a retratar a região a partir do olhar literário em relação a seus problemas sociais, complexidades individuais, observando o sertão nordestino em sua diversidade – do padre à travesti. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma “antologia”, já que reúne textos, no gênero perfil, que abordam do tráfico de drogas ao trabalho na roça, com olhar individualizado, mas seguindo a um mesmo conceito jornalístico. Por fim, se categoriza, obviamente, como “viagem”, por consistir em um

percurso inspirado n'Os Sertões euclidianos, valorizando pormenores sociológicos, culturais e humanos do recorte geográfico proposto pelo autor clássico.

O Diretor de Redação do **Jornal do Commercio**, mandante original da reportagem, também escreve algumas palavras na apresentação do livro e, sem perceber, pontua uma importante relação entre representação social e estereótipos que o livro objetiva dissipar.

Não se pretende, aqui, enterrar a conhecida imagem do chão quente, rachado pela seca, quando o sol, com seu calor inclemente, reflete nos pequenos cristais da terra um brilho iridescente – e o clarão vermelho tinge a paisagem com laivos de sangue. Este Sertão existe. Mas jagunços do asfalto também estão ali, assim como há outros tipos e outra gente sertaneja que nem a genialidade de Euclides poderia prever. Na releitura que faz pelos lugarejos, muitos deles esquecidos, do Nordeste, a repórter redescobre um painel de tipos que vão desde um penitente apocalíptico até uma travesti [...] (SAMPAIO, 2010 apud MORAES, 2010, p. 15).

A travesti citada por Ivanildo Sampaio é Lohanne, a sertaneja mais marcante dentre os perfilados da obra que, por definição, enquadra-se na amostra necessária para a realização desta pesquisa. Em quatro páginas e quatro fotos, **Lohanne – na lan house das maravilhas** apresenta um recorte no contexto histórico – uma característica latente do subgênero perfil jornalístico – da moça de 27 anos à época que vive na pequena e pacata cidade de Santa Terezinha, no Sertão do Pajeú, Pernambuco. “Uma das garotas mais assediadas da cidade, a travesti sonha com uma vida menos pacata, só encontrada nos sites e redes sociais onde ela precisa optar por ‘homem’ ou ‘mulher’ no momento do cadastro” (MORAES, 2010, p. 43).

A estilística adotada por Fabiana Moraes em **Os Sertões** se encaixa com os preceitos predefinidos pelos autores levados em consideração neste trabalho ao que tange o gênero Jornalismo Literário, o que explica, mais uma vez, sua escolha para a composição do *corpus* da pesquisa. Adiante, em **A Terra**, tais preceitos serão elucidados em detalhes, além das fundamentações teórico-metodológicas acerca dos livros-reportagem, do subgênero perfil jornalístico e da Análise do Discurso a partir do pensamento de Michel Foucault.

2.1 A TERRA

2.1.1 Livro-reportagem: uma reação à efemeridade do jornalismo

O livro-reportagem tem sua origem na reportagem. Diferenciando-se da notícia, o texto da reportagem carrega um aprofundamento característico: abordando as origens,

consequências e encadeamentos do acontecimento, pode humanizar personagens nele envolvidos, desenvolvendo debates a partir de intensa investigação (PESSA, 2009).

Sucintamente, Bulhões (2007, p. 44) define a reportagem como “a forma desenvolvida da notícia”. Para ele, “ultrapassando o simples anunciar do acontecimento, a reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações” (BULHÕES, 2007, p. 45). O autor completa explicando que o gênero pode variar no formato, sendo mais descritivo, narrativo, expositivo ou dissertativo, mas sempre deverá se construir a partir de tratamento atencioso a informações e dados, a serem observados a partir de diferentes angulações e exprimidos na forma de vozes diversas (BULHÕES, 2007).

Olinto (2008) vai além quando considera que apenas a reportagem é essencialmente jornalismo, classificando as crônicas, artigos e editoriais, entre outros, como meras partes do jornal. Para ele, “é no contar o que viu, o que ouviu, o que sentiu, é no informar, aos leitores, algo sobre uma pessoa, um lugar, uma situação, é, enfim, no fazer a reportagem – que o jornalista exerce sua função específica dentro do jornal” (OLINTO, 2008, p. 29).

O pensamento dialoga, novamente, com as considerações de Bulhões (2007). Para o autor, o jornalista passa a ser o portador socialmente autorizado da notícia a partir da irrupção do gênero reportagem no Brasil do século XIX. Segundo o teórico, esse profissional é quem dá acesso à voz de uma testemunha ocular, sendo ele, por vezes, observador no palco dos acontecimentos. Nesse contexto, Bulhões (2007) indica a já comentada atuação de Euclides da Cunha na Guerra de Canudos, em 1987, como exemplo de olhar jornalístico: a partir da observação do cenário de conflito, o escritor registrou **Os Sertões**.

Em linhas gerais, Olinto (2008) define o que temos chamado de livro-reportagem quando esclarece que a publicação de uma reportagem em encadernação não é sinônimo de que esta constitua, de fato, em livro-reportagem. De acordo com Prizibiszki (2007), o gênero, apesar de nomear clássicos, ainda dá passos iniciais no mercado editorial brasileiro.

O livro reportagem é um veículo de comunicação jornalística muito conhecido nos meios editoriais do mundo ocidental. No Brasil, não são raros os autores que procuram unir o apuro jornalístico ao verniz estético da linguagem literária. A versão tupiniquim do jornalismo literário e de sua vertente mais famosa, o Novo Jornalismo [...], ganhou adeptos e evoluiu com o passar dos anos até se chegar ao que é hoje o mercado editorial do livro-reportagem brasileiro: um nicho ainda em crescimento, mas bastante promissor, que agrega obras de variados temas e estilos linguísticos (PRIZIBISZKI, 2007, p. 1).

Rabaça e Barbosa (1978 apud LIMA, 2009, p. 26) afirmam que, de acordo com as normas da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), uma publicação é considerada livro quando tem mais de 48 páginas e, no rumo de sua definição, entende-se como livro uma publicação não-periódica em papel impresso que traga informações sobre quaisquer assuntos. Segundo Lima (2009), o livro-reportagem representa um meio de comunicação impresso não-periódico que realiza trabalho jornalístico com tratamento mais amplo do fato do que nas notícias diárias dos jornais.

Diferenciando-se de livros de ficção, o livro-reportagem deve ter como conteúdo histórias reais permeadas por veracidade e credibilidade (LIMA, 2009), sempre com papel de complementar aos veículos de comunicação periódicos em relação a demandas que a própria realidade cria. De acordo com Pessa (2009, p. 2),

o livro-reportagem serve a distintas finalidades que se desdobram dos objetivos básicos de informar, orientar e explicar, enveredando pelos diversos gêneros jornalísticos existentes: jornalismo informativo arredondado (aprofundamento apenas extensivo), jornalismo interpretativo (aprofundamentos extensivo e intensivo), jornalismo opinativo (postura unilateral para defender um conjunto de princípios), jornalismo investigativo (tom de denúncia) e jornalismo diversional (voltado para o lazer).

Quanto aos temas tratados nos livros de não-ficção, eles se diferenciam daqueles chamados “quentes” das notícias diárias, pois, com a possibilidade de voltar ao passado e investigar antigas situações, o jornalista tem mais liberdade e pode fugir do *hardnews*² diário. Para Lima (2009), o investimento na narrativa contada em livros-reportagem nasce, por vezes, do desejo do jornalista em explorar a própria criatividade e curiosidade aprofundando a notícia.

Desenvolvendo novos pontos de vista, o autor de livros-reportagem teria maior autonomia de extensão e conteúdo, podendo se debruçar sobre assuntos já noticiados ou não e ir além da abordagem superficial, conduzindo a contextualização e o aprofundamento desejado (LIMA, 2009). Conceitos análogos, o livro-reportagem quase sempre se enquadra no que se considera como Jornalismo Literário, tópico da discussão no próximo item.

2.1.2 Jornalismo Literário - fugindo das jaulas narrativas

² No jargão jornalístico, relacionado à “notícia do dia”. Geralmente se refere aos acontecimentos importantes da política, economia e cotidiano.

No livro-reportagem, segundo Pessa (2009), a liberdade com relação à estrutura da narrativa aproxima inegavelmente o gênero à literatura, para além do suporte. No entanto, de acordo com Pena (2011, p. 13), o Jornalismo Literário “não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem”. Para a definição dessa prática jornalística focada na narrativa, o autor define alguns critérios que chama de “estrela de sete pontas”, cujas diretrizes ajudam a definir as características do Jornalismo Literário.

Segundo Pena (2011), para merecer a alcunha de Jornalismo Literário, o texto deve se propor a transcender os limites dos fatos, proporcionar olhares abrangentes em relação à realidade, contribuir ao exercício da cidadania e transgredir a estrutura da tradicional escrita jornalística. Além disso, é necessário que evite definidores primários – rompendo estereótipos – e se ocupe na perenidade do que foi relatado.

De forma mais detalhada, essas orientações determinam que, no exercício do Jornalismo Literário, é preciso explorar de forma mais aprofundada aqueles recursos que o jornalismo diário oferece, principalmente no que tange ao rigor da apuração, à observação criteriosa do que acontece ao redor e ao uso de entrevistas em profundidade com as fontes de informação.

Além disso, o Jornalismo Literário rompe com dois traços que pautam com frequência o jornalismo tradicional, a periodicidade e necessidade de ser sempre atual. Essas demandas saem do centro das atenções para dar lugar a um trabalho que se pretende atemporal, como parte de um contexto mais amplo que segue fazendo sentido sem que o fato gerador de interesse “esfrie” com o passar dos dias. O que se busca, como já foi dito, é um relato perene. De acordo com Pena (2011, p. 15), “uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. [...] Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos”.

Outra quebra importante que se faz necessária acontece em relação ao lide, ou seja, as seis perguntas básicas que orientam a redação diária – Quem? O quê? Como? Quando? Onde? Por quê? – questões que serviram para dar mais objetividade à cobertura de notícias, garantindo ao leitor as informações primárias sobre o fato. A crítica de partidários do Jornalismo Literário em relação a esse elemento se dá no sentido de, a se fiar apenas nesses pontos pasteuriza-se a notícia, uniformizam-se as informações e apenas disfarça-se uma subjetividade da qual não é possível se livrar de todo. Prende-se o texto em “jaulas” narrativas que levam à perda em estilo, elegância e personalidade.

Dentro das classificações de gênero, que são inúmeras, complexas e em constante mutação, Pena (2011) defende uma definição para além das costumeiras dicotomias que separam jornalismo e literatura, ficção de realidade, objetividade de subjetividade. O autor propõe um gênero *per se* que une as características de ambos num outro gênero possível, no qual o objetivo é o que ele chama de “verossimilhança possível”.

Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia (PENA, 2011, p. 21).

Desta forma, o Jornalismo Literário delimita como seus nortes a estética e a informação e, inseridas nesse grande gênero, podemos identificar algumas práticas distintas: a literatura veiculada em meios jornalísticos, a crítica literária, o novo jornalismo, a biografia, o romance-reportagem e a ficção jornalística (PENA, 2011). Ao afirmar que trabalha com o conceito de Jornalismo Literário, o enfoque desta pesquisa está no novo jornalismo, também conhecido como *new journalism*.

Esse movimento foi inaugurado por meio de um manifesto redigido por Tom Wolfe, em 1973, e já tinha expoentes antes dessa formalização. O exemplo mais emblemático é Truman Capote com seu **A Sangue Frio**, livro-reportagem a respeito do assassinato de uma família no Kansas, que levou cinco anos para ser apurado. Esse movimento, no entanto, deve ser pensado no contexto da década de 1960, principalmente nos Estados Unidos, onde era perceptível um sentimento de aborrecimento com relação ao modo objetivo e cientificista com o qual se fazia jornalismo então. A proposta de Tom Wolfe era deixar a prática menos “bege”, e o próprio admite que seus preceitos são mais instintivos do que teóricos (WOLFE, 2004). Para além de um movimento organizado, o advento do novo jornalismo nos Estados Unidos, em seu início, era mais uma “excitação artística no jornalismo” (WOLFE, 2004, p. 41) do que qualquer outra coisa.

No Jornalismo Literário, assim como no *new journalism*, a subjetividade e a estética são pontos a ser valorizados. Para Pena (2011), o autor não deve pretender apagar a própria personalidade ao construir a narrativa. Na prática desse gênero, as amarras da suposta imparcialidade devem ser descartadas e o jornalista é autorizado a demonstrar-se na escrita.

Nesse sentido, as diretrizes desse novo jornalismo em muito se parecem com aquelas do Jornalismo Literário e, tal qual o movimento, foram apreendidas por seus representantes “por meio de experiência e erro” (PENA, 2011, p. 53) mais que pela teoria. Muitos desses traços têm como inspiração grandes romancistas do realismo, como Balzac, Charles Dickens e Gogol e, no Brasil, também já eram exploradas desde o início do século XX por nomes como o já citado Euclides da Cunha e João Paulo Barreto, o João do Rio.

Wolfe (2004) destaca quatro recursos básicos adotados no núcleo dessa nova forma de se fazer jornalismo:

- i. Trabalhar a construção da cena ao invés de recorrer à narrativa histórica;
- ii. Explorar o uso de diálogos: para o autor, o discurso direto envolve o interlocutor mais que qualquer recurso ao definir os personagens com maior completude;
- iii. Ponto de vista da terceira pessoa, que consiste em apresentar a narrativa intermediada pelos olhos de uma figura específica, dando ao leitor a impressão de habitar a mente do personagem. Tal feito seria atingido por meio de entrevistas que questionam sentimentos e emoções diante das situações vividas pela fonte;
- iv. Registro de detalhes simbólicos, construindo cenas que insiram o interlocutor no *status* de vida do personagem. Segundo Wolfe (2004), esse recurso confere realismo à narrativa.

O contexto de época é importante aqui pois, como relata Wolfe (2004), o que o jornalismo fez nos anos 1960 foi preencher uma lacuna de registro de época que foi esnobada pelos romancistas de então. Segundo o autor, “o terreno mais rico do romance”, aquele que versa de forma realista sobre a sociedade, havia sido abandonado pelos escritores. Como paralelo, cita o papel que William Thackeray teve na Londres de 1840 e que Balzac teve na França – este, especificamente, na função de “secretário da sociedade francesa” (WOLFE, 2004, p. 50). A missão era vista como inferior e foi esse nicho que os jornalistas de então, buscando fazer algo diferente, lançaram o novo estilo.

A década de 1960 foi cenário de importantes mudanças de comportamento nos Estados Unidos.

Era um imenso carnaval. Mas o que de fato surpreendia era que, como escritor, aquilo tudo era praticamente só meu. Na maior velocidade de que era capaz, eu produzia artigos sobre aquele incrível espetáculo que via borbulhando, gritando, bem diante dos meus olhos deslumbrados – Nova York! – e, o tempo todo eu sabia que algum romancista empreendedor ia aparecer e se *apossar* de todo aquele panorama maravilhoso com um só golpe ousado e gigantesco. Estava tudo tão pronto, tão *maduro* – chamando... mas nunca aconteceu. Para minha grande surpresa, Nova York

continuou sendo simplesmente o paraíso do jornalista (WOLFE, 2004, p. 52).

Havia também, no mercado editorial, uma demanda por esses registros. Uma vez que os romancistas conhecidos não foram capazes de cumpri-las, os jornalistas surgiram como azarões e foram recebidos com um status e prestígio que a profissão não gozava até então. Truman Capote, por exemplo, rejeitava o rótulo de jornalista e afirmava ter inventado, com seu livro **A Sangue Frio**, um novo gênero, o do romance de não-ficção (WOLFE, 2004).

Wolfe (2004) compara a trajetória do novo jornalismo em busca de reconhecimento com a do romance no século XIX. Não havia honras ao título até então, mas o que estava sendo feito na época tinha uma excelência que nem o mundo literário usava julgar como inferior, e nomes como Norman Mailer migraram do romance para o novo jornalismo e produziram ali seus melhores trabalhos. Nos jornais, romancistas não só buscaram amparo à sua reputação, mas imprevisivelmente cravaram seu nome na história de maneira nunca conseguida (WOLFE, 2004).

Um dos gêneros jornalísticos que, habitualmente (mas não obrigatoriamente), vale-se do jornalismo literário para contar suas histórias é o perfil, tema do próximo tópico.

2.1.3 Perfil, um subgênero jornalístico

Gênero jornalístico normalmente publicado em jornais e revistas, o perfil é, basicamente, uma narrativa biográfica curta de não-ficção. Difere-se das biografias quanto à abrangência, visto que realiza um recorte para apresentar apenas aspectos específicos da vida do perfilado e, também, quanto à durabilidade das informações. Mais etéreo, o perfil tem relevância como gênero jornalístico apesar de as informações contidas nele estarem sujeitas a mudanças, assim como as convicções do personagem, que são mutáveis (VILAS BOA, 2003).

Segundo Vilas Boas (2003), para produzir um perfil é primordial

estar no lugar onde ocorriam cenas dramáticas para captar conversas, gestos, expressões faciais, detalhes do ambiente etc; revelar os bastidores da matéria tanto quanto as impressões pessoais sobre o personagem; usar o foco narrativo em primeira pessoa, diálogos, descrições minuciosas, reconstituições de época etc (VILAS BOAS, 2003, p. 10-11).

Por seu caráter detalhista, a produção de um perfil foge do padrão obedecido pelo jornalismo tradicional – centrado no lide e na pirâmide invertida, a fim de transmitir apenas as

informações principais sobre o assunto. Na produção desse gênero jornalístico, o ponto central é a vida da personagem, alguns momentos de sua trajetória e, para isso, segundo Vilas Boas (2003), é necessário fazer uso do jornalismo literário, fazendo com que o texto cumpra sua função e hipnotize o leitor.

O efeito hipnótico a ser gerado pelo texto, segundo Vilas Boas (2003), se refere à empatia, significa fazer o outro experimentar as mesmas sensações vividas pelo perfilado a partir das palavras do jornalista, colocando leitor na pele do personagem. Nesse sentido, é possível afirmar que, por meio do perfil, objetiva-se contar histórias de vida reais, humanizando fatos, temas e situações contemporâneas. O que importa é a experiência humana do personagem capaz de disseminar o contexto de um fato a ser discutido.

Para Vilas Boas (2003) é, ainda, possível provocar reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos por meio de questões levantadas, eticamente, na construção de um perfil. O autor atenta para a responsabilidade do repórter com relação à veracidade das informações narradas nesse gênero. De acordo com ele, baseando-se no que pôde captar em entrevistas com o perfilado, é importante que o autor tente fugir dos estereótipos e interpretar os acontecimentos da narrativa a partir do que lhe foi revelado, com atenção a possíveis ornamentos exagerados que podem escapar à escrita.

Obedecendo à tendência de tensões e atravessamentos entre público e privado próprias do século XX, o perfil surgiu a partir da década de 1930, quando os jornais e revistas passaram a publicar textos literários nos quais os personagens eram humanizados. No nascer do gênero, “esperava-se que a matéria lançasse luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história da pessoa, para que suas ações pudessem ser compreendidas num contexto maior do que o de uma simples notícia descartável” (VILAS BOAS, 2003, p. 22).

Inicialmente, só se escreviam perfis de pessoas públicas. Famosos escritores, cantores, políticos. Mas o jornalista Joseph Mitchell, na Revista **New Yorker**, perfilou operários, índios, pescadores, pessoas comuns que também marcaram época. A partir disso, o perfil passou, gradativamente, a ser valorizado como modalidade jornalística. Nesse sentido, ao se atentar às ações e palavras do personagem e, a partir disso, colocar temas coletivos em pauta, o gênero perfil tem, também, grande importância social (VILAS BOAS, 2003).

No Brasil, o perfil começou a ganhar destaque por influência das publicações norte americanas **Life**, **Esquire**, **The New Yorker**, e teve evidência nas revistas já extintas **O Cruzeiro** e **Realidade**. Principalmente na era de florescimento do gênero, alguns jornalistas costumavam acompanhar o perfilado por semanas para extrair o máximo de informações e

impressões acerca da vida daquela pessoa, para, então, elaborar a narrativa (VILAS BOAS, 2003).

Utilizando, além de entrevistas em profundidade, suas impressões e outros elementos de comunicação “não verbal” na construção de perfis, esses jornalistas – veteranos ou contemporâneos – exploraram pistas para que o leitor, por si mesmo, tome conclusões a respeito da trajetória do personagem (VILAS BOAS, 2003). De acordo com Silva, A. (2010, p. 10), na construção do sujeito perfilado, “o que importa, na verdade, assim como no cotidiano, é o momento, o instante. Ou seja, como ele lê a sua vida a partir do atual”.

Apresentar o personagem por meio de um texto descritivo com trechos narrativos, e deixar suas características aparecerem no decorrer da história são bons recursos, por vezes esquecidos, a serem utilizados na produção do gênero jornalístico perfil. De acordo com a crítica de Vilas Boas (2003), é necessário superar a realidade vista hoje nos meios de comunicação, em que, através dos perfis, o que se torna público pelo discurso são intrigas, invasões de privacidade e preocupações egocêntricas relacionadas a jogos de poder.

Sobre tais escolhas enunciativas transpassadas pelo poder que, para Vilas Boas (2003), maculam o trabalho jornalístico, o pensamento de Foucault ajuda a estabelecer reflexões.

2.1.4 Análise do Discurso de linha francesa foucaultiana

Esta pesquisa utiliza-se da Análise do Discurso de linha francesa (AD) a partir do pensamento de Michel Foucault, principalmente, da noção de que o sujeito não tem uma essência, sendo sua subjetividade constituída no e pelo discurso (FOUCAULT, 2007). Para tal, faz-se necessária a incursão nos escritos do autor com o objetivo de estabelecer termos e conceitos caros à realização da análise, tais como sujeito, saber e poder.

As bases da Análise do Discurso de linha francesa tomam estruturalismo, marxismo e psicanálise para a formulação de disciplina teórica e metodológica que coloca em evidência as dinâmicas ideológicas, subjetivas e discursivas manifestas em atos de linguagem e representativas na construção de sujeitos. Nascida na década de 1960, a AD passou por três fases constitutivas em que, primeiro, assume o sujeito como estabilizado, em seguida observa poder e saber como produtores de sujeitos e, por fim, afirma o assujeitamento ideológico, declarando as relações como permeadas por interdiscursos (MUSSALIM, 2012).

É na segunda fase da AD de linha francesa que se inscreve o pensamento de Foucault. Observando as ações do e sobre o sujeito, o teórico delimita que o analista deve se voltar, primeiramente, às dinâmicas de saber-poder manifestas no e por meio do discurso (SILVA, F.

2004). Na presente monografia, investigando as conexões entre discurso e poder na obra de Foucault, pretende-se compreender as contribuições do autor para o entendimento da constituição discursiva do sujeito travesti.

Em *Arqueologia do Saber* (2007), o autor disserta sobre a constituição do saber. Para ele,

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico [...]; um saber é também um espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos em que se ocupa em seu discurso [...]; um saber é também o campo de coordenação e subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...], finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e apropriação oferecidas pelos discursos [...] (FOUCAULT, 2007, p. 204) [grifo do autor].

No excerto acima, um termo chama a atenção e sua definição se faz fundamental: o enunciado. Costa (2009) resume que a definição de tal ideia se faz por oposição a outros conceitos, como frase, proposição ou ato de linguagem. O autor explica que o que torna um desses atos de linguagem um enunciado é a sua função enunciativa, ou seja, o fato de ser construído de acordo com normas produzidas social e historicamente segundo as quais é definido e se torna possível (COSTA, 2009).

Permeia a obra de Foucault o questionamento que é uma de suas mais conhecidas citações: “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2007, p. 30). Sob o mesmo ponto de vista, descrever o funcionamento dos enunciados nos encaminha à compreensão das formações discursivas que possibilitaram seu aparecimento em detrimento de outros no saber de uma época.

Segundo Foucault (2007), para que se tenha uma formação discursiva, é necessário que se observe um número de enunciados com conceitos e temas regulares com relação a seus posicionamentos e correlações. Já com relação ao enunciado, o autor define que este se trata de categoria que possibilita a relação entre sujeito e objeto em campo material. É nas dinâmicas produzidas e reproduzidas em um conjunto de signos e traços que é demarcada a concretude do discurso.

Discurso este que, por sua vez, define-se, em poucas palavras, como um emaranhado de enunciados que se debruçam em semelhante formação discursiva (FOUCAULT, 2007). Ampliando sua definição, o autor pontua que

ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar se for o caso) na história; é constituído por um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que terá, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e porque ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo (FOUCAULT, 2007, pp. 132-133).

Atravessada e constituída pela história, para Foucault (1995), uma sociedade sem relações de poder é uma abstração. A estrutura social, seria para o autor, permeada por poderes – a exemplo do conjunto de regras invisíveis da heteronormatividade – e contrapoderes que se digladiam no corpo social. É a partir desta observação que o teórico delinea a ideia de microfísica (FOUCAULT, 1981).

Ao elaborar a microfísica do poder, Foucault (1981) demonstra o desejo por compreender suas práticas no campo socio-histórico, a partir da observação dos mecanismos e ferramentas evocados pelo discurso dominante, bem como os desdobramentos destes no corpo social. Colocando em ponto de debates a relação entre sujeitos, esse conceito, segundo Foucault, deixa à mostra relações e tensões entre seres. Para ele, “se falamos de estruturas ou mecanismos de poder, é apenas na medida em que supomos que ‘alguns’ exercem um poder sobre os outros” (FOUCAULT, 1995, p.40).

2.2 O HOMEM

Mulher e homem: dois opostos cujas características determinadas pelo sexo biológico se manifestariam em maneiras declaradas pelo feminino em contraste com o poder delegado ao masculino, segundo a construção cultural. Socialmente, é necessário que o macho de nascimento manifeste características físicas e comportamentais próprias aos homens, assim como a recíproca é esperada daquelas que nascem com a biologia feminina.

Desejar performar outros sentidos, adicionando elementos de outro gênero – superficial ou quimicamente – na própria constituição identitária por não se reconhecer nessa lógica binária foi, até 2018, considerado um “transtorno de identidade de gênero” presente da lista de desordens mentais da Organização Mundial de Saúde (OMS) (MARTINELLI, 2018).

Somente a partir deste ano, as identificações de gênero secularmente estigmatizadas passaram a ocupar outro patamar na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), sendo reconhecidas como integrantes das “condições relacionadas à saúde sexual”: não mais doenças, agora “incongruências” ainda merecedoras de atenção pelo bem-estar sistêmico. A medida formalizou a modernização do debate sobre a questão trans e travesti, a exemplo do movimento adotado pela OMS em 1990, quando deixou de classificar homo e bissexualidade como transtornos mentais (MARTINELLI, 2018).

2.2.1 “Aberrações sexuais”: sujeitos de sexualidade desviante e travestilidade

A denominada “sociedade disciplinar” é o contexto histórico que dá margem para o surgimento de formulações a respeito de contrapoderes e resistências exercidas em diversos campos de batalha, entre eles, o corpo (FOUCAULT, 2003). Para Foucault (2003), em um contexto em que o físico deixa de ser observado a partir do natural e se torna objeto do jogo socio-histórico, este passa a representar um dispositivo de poder, ou seja, um conjunto heterogêneo de práticas discursivas e não discursivas com função estratégica e excludente a partir de uma perspectiva binária e guiada à heterossexualidade. Estabelecendo a norma, este aparato de mecanismos se fundamenta no controle da população, além da vigilância acerca da sexualidade das crianças, a normatização do sexo para fins reprodutivos e o controle sobre o corpo. Nesse sentido, o erotismo torna-se, então, campo de estudo e de intervenção, assim como manifestações marginais – a exemplo das identidades travestis.

A normatização da heterossexualidade, a partir do século XIX, abre espaço para a emergência de novos campos de estudo e disciplinas especializadas, como a sexologia e a psicopatologia médica – ciências que se dedicam a descrever e classificar como patológicos todo e qualquer desvio à norma sexual. Irônico é notar que, ao denominar as consideradas “aberrações sexuais”, cria-se a condição destes “anormais” enquanto sujeitos (FOUCAULT, 2003). É neste contexto que, remonta Barbosa (2010), viriam a surgir os termos travesti e travestismo.

Barbosa (2010) afirma que os termos travesti e travestismo (cujo sufixo, ‘ismo’, era uma terminologia usada na época) surgiram no livro “Die Transvestiten”, de Magnus Hirschfeld – médico alemão e um dos pioneiros da sexologia. A autora assinala, ainda, que foram justamente estes trabalhos produzidos na Europa Ocidental aos fins do século XIX os

primeiros a contribuírem para uma descriminalização das práticas travestis. Hirshfeld (2006 apud Barbosa 2010) explica Barbosa,

pensava nas travestis como homossexuais, ou mais precisamente como ‘intermediários sexuais’, dentro de um espectro hipotético que vai desde o ‘masculino puro’ ao ‘feminino puro’. Tal diversidade de sexo e gênero seria parte da natureza, e para o autor as leis e a sociedade deveriam refletir esta realidade biológica (BARBOSA, 2010, p. 85).

Considerando homem e mulher como binarismos que estabelecem a norma, esse discurso médico-psiquiátrico, historicizado por Foucault (2003), materializa-se ainda nos dias de hoje nos campos jurídico, educacional, midiático e em produções culturais resultando, tal qual considera Pelúcio (2007), em privilégios hierarquizados no que este trabalho considera como “heteronormatividade”. Em tese de doutorado, a autora define o conceito como um conjunto de regras simbólicas que estabelecem o comportamento heterossexual como conduta privilegiada, sem correspondente contrário – no que seria uma “homonormatividade” – uma vez que estabelece e prioriza papéis de gênero e sexo biológico bem delimitados (PELÚCIO, 2007). Em resumo, nas palavras de Pelúcio, esta heteronormatividade estabelece hierarquias que “não se pautam explicitamente pela sexualidade ou só por ela, mas que regulam as relações sociais a partir do pressuposto da heterossexualidade como um estado natural e moralmente desejável” (PELÚCIO, 2007, p. 20).

A definição das concepções médicas de travestismo e do conceito de heteronormatividade são caras a este capítulo para a conceituação do termo travestilidade no sentido proposto por Peres (2004) e levado em consideração por este trabalho. O termo, surgido num contexto de valorização da multiplicidade de formas de “ser travesti”, marca a heterogeneidade de possibilidades identitárias das travestis, além de substituir o sufixo ‘ismo’, que remete a patologias.

Pelúcio (2007) afirma que a categoria travestilidade é um termo ressignificado a partir de uma perspectiva *queer*³, na qual termos sistematizados como ofensas passam a ser utilizados pelos próprios movimentos hostilizados com novas produções de sentido. Portanto, segundo indicam Pelúcio (2007) e Peres (2004), a terminologia se propõe a abranger uma pluralidade travesti, moldada em diálogo com o prisma cultural heteronormativo e binário.

³ Termo anglo-saxão que se refere ao que é estranho, muito utilizado para ofender sujeitos homossexuais. Na contemporaneidade foi ressignificado pela militância LGBT e absorvido dentro do movimento como campo de identidade (LOURO, 2004).

A travestilidade aponta para a multiplicidade dessa experiência, ligada à construção e desconstrução dos corpos. Ainda que haja uma rigidez na gramática de gênero das travestis, há também uma patente fluidez na elaboração de categorias êmicas autotranscategorizadoras, uma vez que estas estão estreitamente ligadas a marcas identitárias que se associam ao trânsito dos corpos pelos territórios, o que se vincula, por sua vez, às transformações desses mesmos corpos (PELÚCIO, 2007, p. 18).

Sendo assim, de forma a simplificar a definição de seu objeto de estudo antropológico e conceituar a travestilidade enquanto a categoria analítica que este trabalho adota, a definição de Pelúcio (2007) é aplicada. A autora interpreta travestis como sujeitos homossexuais que convivem em harmonia com sua genitália, mas se caracterizam e objetivam inserir em seus corpos – cirúrgica, física e quimicamente –, símbolos do que é culturalmente reservado ao feminino. Segundo considerações etnográficas delineadas pela pesquisadora, esses sujeitos LGBT não se entendem como mulheres, nem tampouco como homens. Desejam atender no feminino, mas negam a lógica binária ao se considerarem à margem da determinação heteronormativa.

Tendo discutido, até aqui, conceitos base para a realização desta pesquisa, cabe, ainda, a este capítulo, contextualizar socio-historicamente a militância identitária contra a LGBTfobia – função reservada ao terceiro e último tópico do capítulo: **A Luta**.

2.3 A LUTA

O nascimento do movimento homossexual no Brasil é situado em 1978, com a criação do Grupo Somos, em São Paulo (MACRAE, 1985). Segundo Facchini (2000), o surgimento do coletivo demarca o que seria a “primeira onda” de militância gay e lésbica no Brasil, país que tardou – em relação a outras nações latinas e semi-industrializados, como o México e Argentina – a experimentar o engajamento político dessas categorias em razão da forte repressão estabelecida durante o governo ditatorial militar instituído em 1964.

Representativo do momento de resistência a perdurar até a redemocratização do país, o Grupo Somos tinha uma política de valorização da identidade homossexual masculina e feminina, associada a uma política de resistência antiautoritária, contracultural e oposta à lógica de hierarquização de papéis em relações entre sujeitos do mesmo sexo (MACRAE, 1985).

Para Facchini (2000), o Grupo Somos representou marco na militância não apenas por simbolizar a primeira organização homossexual brasileira. A autora destaca a atenção

recebida pela organização por diversos teóricos nacionais e internacionais (GREEN, 2000; MACROE, 1985; SILVA, C. 1998) interessados na construção do movimento gay e lésbico do país. Fundada há quatro décadas, a associação ainda é reconhecida como um modelo de organização LGBT no Brasil e articulou seu ativismo político à comunicação (FACCHINI, 2000).

Arelado ao Grupo Somos, despontava também em 1978, o **Lampião da Esquina**, o primeiro tabloide brasileiro que se identificava como veículo de comunicação “guei”, em expressão abasileirada para o termo americano “gay”. Representativo da homossexualidade masculina em conteúdo e autoria, o jornal tinha em seu conselho editorial o jornalista João Mascarenhas, o dramaturgo Aguinaldo Silva, o crítico musical Antônio Chisóstomo, o artista plástico Darcy Penteado, o cineasta Jean-Claude Bernardet, o escritor João Silvério Trevisan, o antropólogo Peter Fry, além de Adão Costa, Clóvis Marques, Francisco Betternecourt e Gasparino da Mata, todos jornalistas, escritores e homossexuais (MOSQUEIRA, 2015).

Em 1981, as publicações do **Lampião da Esquina** chegaram ao fim. Com a redemocratização do país e o fim da censura à imprensa, o tabloide abandonou o teor contestatório e terminou por não conseguir se ajustar à linguagem voltada ao consumo, fechando as portas. Com o fim do jornal, a comunicação entre o meio homossexual se viu enfraquecida, a sensação de abertura de outros meios de comunicação à causa não se demonstrou satisfatória e, durante a década de 1980, o movimento gay e lésbico experimentou declínio no Brasil: dois anos após a extinção do **Lampião da Esquina**, o Grupo Somos encerra suas atividades (FACCHINI, 2003).

A derrocada da luta libertária e antiautoritária do movimento coincide com o despontar da AIDS que, segundo Facchini (2003), era considerada a “peste gay”. Na época, algumas lideranças LGBT concentraram seus esforços na quebra do estigma em relação a homens homossexuais e o HIV, paralelamente à militância em favor da diversidade e em direção a políticas públicas que garantissem os direitos de gays e lésbicas. A chamada “segunda onda” do movimento, concentrou entidades melhor organizadas e hierarquizadas – apesar de em menor número –, comprometidas com o diálogo com organizações internacionais, associações de classe, partidos políticos e cientistas (FACCHINI, 2003).

Em meados de 1990, o pânico em relação à AIDS é amenizado, fato que, para Facchini (2003), estimulou a retomada da militância homossexual em escala nacional. O número de grupos de gays e lésbicas, que se restringia a seis associações em 1989, saltou para 68 coletivos registrados em 1998. Marcadas pela diversidade de composição, localização, hierarquização e temas de interesse, essas organizações delimitam a chamada “terceira onda”

do movimento, quando a autoestima da comunidade é estimulada por meio da cultura e entretenimento, o consumo segmentado se torna discurso político e a visibilidade é incorporada em símbolos como a bandeira de arco-íris. A proposição do primeiro projeto de lei em favor de homossexuais, em 1995⁴, é considerado um marco que demonstra as conquistas iniciais da luta por direitos (FACCHINI, 2003).

É também a partir da década de 1990 que a militância passa a integrar outras identidades. Aquele que era “Movimento Homossexual” em 1970, se torna “Movimento Gays e Lésbicas”, em 1993, e “GLT” (Gays, Lésbicas e Travestis), em 1995. A partir de 1999, bissexuais e transexuais – até então marginalizados dentro da luta – passam a integrar a sigla, agora “GLBT” (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) (FACCHINI, 2003). Desde 2008, com a proposta de dar visibilidade a mulheres homossexuais, o movimento se identifica como “LGBT” (FACCHINI; FRANÇA, 2009). Seguindo tendências internacionais, há parcelas da militância brasileira que se mostram favoráveis à inclusão de novas letras ao monograma, destacando intersexuais, assexuais, sujeitos *queer* e aqueles que se identificam como não binários em relação a padrões de gênero, propondo “LGBTQ+”, “LGBTI+” e “LGBTQIA”.

A partir de meados da década de 2000, a luta LGBT passa a atuar com maior visibilidade junto ao Poder Executivo Federal objetivando a construção e efetividade de políticas de direitos humanos. Em tímida integração, alguns ativistas identitários passam a atuar em conjunto ao Estado ao mesmo tempo em que enfrentam crescimento da resistência conservadora (PEREIRA, 2016). A esse período, Pereira (2016) dá o nome de “quarta onda” do movimento LGBT brasileiro.

Marcada pela luta contra a LGBTfobia e pela definitiva nacionalização do movimento, a fase mais recente da militância se organiza do Sul aos Sertões em articulações que objetivam “nordestinizar” e interiorizar pautas lésbicas, gays, bissexuais e transgênero (PEREIRA, 2016).

⁴ PL 1151/1995, proposta pela deputada Marta Suplicy, disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

3 OLHARES PARA O SUJEITO

Esta pesquisa ancora-se numa proposta de análise focaultiana do discurso com base nas seguintes categorias: sujeito, formação discursiva, subjetividade e poder. Para um olhar microscópico que aponta para o objeto, optamos pelo dispositivo matricial (ARAÚJO, 2011) de Análise do Discurso, com categorias que pavimentam o olhar a partir de sequências discursivas extraídas do *corpus* de análise. Cabe ressaltar que o gesto de leitura discursiva para o documento nos permitiu a escolha de algumas categorias e não outras a partir de um debruçar profundo no discurso que perpassa o jornalismo literário.

3.1 A TRAVESTILIDADE DE LOHANNE

“Uma das garotas mais assediadas da cidade, a travesti sonha com uma vida menos pacata, só encontrada nos sites e redes sociais onde ela precisa optar por ‘homem’ ou ‘mulher’ no momento do cadastro” (MORAES, 2010, p. 43), diz o olho⁵ da reportagem-perfil que retrata um recorte da vida de Lohanne, uma travesti da pacata cidade de Santa Terezinha, no Sertão do Pajeú, interior do estado de Pernambuco, Brasil.

O sujeito analisado neste capítulo é Lohanne, a travesti que compõe o rol dos pouco mais de 10 mil habitantes do município e encontra na internet uma forma de ampliar seus horizontes, já que acredita ter poucas oportunidades no sertão.

No supracitado olho da reportagem já é possível notar a principal marca da rede de enunciados que, ao menos em um primeiro olhar, dá a impressão de que a representação dada ao sujeito pela jornalista Fabiana Moraes se aproxima da subjetividade feminina de Lohanne. Artigos, pronomes e adjetivos encontram-se flexionados no gênero feminino por quase todo o texto, como demonstra a Matriz 1.

MATRIZ 1 – GÊNERO EM LOHANNE DE OS SERTÕES

Tema: Gênero			
Sequência Discursiva	Emissor	Efeitos de sentido	Formação discursiva
Uma das garotas mais assediadas da cidade, a travesti sonha	Moraes	Lohanne identificada no feminino	Binarismo entre masculino e feminino
precisa optar por “homem” ou “mulher” no	Moraes	Há a necessidade de se definir como	Ambiguidade na identificação da

⁵ Jargão jornalístico que representa um pequeno trecho do texto que se destaca na diagramação.

momento do cadastro		“homem” ou “mulher”	perfilada
a filha de dona Lourdes e de seu Ramiro	Moraes	Lohanne identificada no feminino	Binarismo entre masculino e feminino
“Lourona”, “gostosa”	Moradores de Santa Terezinha	Lohanne identificada por conterrâneos no feminino	Binarismo entre masculino e feminino
uma das garotas mais bonitas	Moraes	Lohanne identificada no feminino e comparada a outras garotas	Binarismo entre masculino e feminino
“Essa aí só namora homem casado”	Moradores de Santa Terezinha	Lohanne identificada por conterrâneas no feminino	Binarismo entre masculino e feminino
Lourinha, codinome da ex-cabeleireira, que nasceu Jaílson	Moraes	Evoca a condição biológica da travesti	Transformação e rompimento com o passado
A moça que era rapaz	Moraes	Evoca a condição biológica da travesti	Transformação e rompimento com o passado
onde só se pode optar entre “homem” e “mulher” no momento do cadastro	Moraes	Há a necessidade de se definir como “homem” ou “mulher”	Ambiguidade na identificação da perfilada
“Sou legal, sincera, simpática, alegre, jovem, bonita, simples”	Lohanne	Lohanne se identifica no feminino	Binarismo entre masculino e feminino
“Sou uma pessoa solteira”	Lohanne	Lohanne se identifica em posicionamento neutro quanto ao gênero	Ambiguidade na identificação da perfilada
a moça que quer relacionamento sério entrega seu nome de batismo	Moraes	Lohanne identificada no feminino	Binarismo entre masculino e feminino
“O que sobra para um travesti?”	Lohanne	Lohanne se identifica no masculino	Binarismo entre masculino e feminino
“De cabelo curto e preto, pareço uma lésbica”	Lohanne	Lohanne se identifica no feminino	Binarismo entre masculino e feminino
é fácil acreditar que Lohanne nunca foi Jaílson	Moraes	Evoca a condição biológica da travesti	Transformação e rompimento com o passado
Desde pequena, ela conta, já havia a certeza da condição feminina - ainda que os pais insistissem em fazer do garoto magrinho, de traços suaves, mais um filho entre os dois outros já nascidos.	Moraes	Evoca a condição biológica da travesti	Transformação e rompimento com o passado

A certeza de ser mulher – e galega, é bom sublinhar – é tanta que Lohanne descarta, hoje, fazer uma mudança de sexo	Moraes	Lohanne se identifica no feminino, mas não está em conflito com a genitália masculina	Ambiguidade na identificação da perfilada
“Os rapazes com quem eu fico dizem que eu já sou feminina demais”	Lohanne	Lohanne se identifica no feminino	Binarismo entre masculino e feminino
Esse corpo de mulher, ambíguo apenas por fora	Moraes	Lohanne identificada no feminino	Binarismo entre masculino e feminino
a filha nascida filho	Moraes	Evoca a condição biológica da travesti	Transformação e rompimento com o passado
para um Jaílson com alma de Lohanne	Moraes	Evoca a condição biológica da travesti	Transformação e rompimento com o passado

Fonte: Os Sertões (MORAES, 2010, p. 43-45). Elaboração própria.

Apesar de não haver consenso acerca do assunto, uma das pautas dos movimentos sociais LGBT versa sobre o tratamento de travestis no gênero feminino e este trabalho considera o uso da flexão de gênero enquanto posicionamento político. Na pesquisa etnográfica de Pelúcio (2007), a autora constata que o tratamento no feminino se adequa com mais acordo à forma como as próprias travestis se tratam. “Entre si, os artigos, pronomes e substantivos para se auto-referirem, ou para tratarem aquelas que lhes são próximas, estarão sempre no feminino” (PELÚCIO, 2007, p. 16).

Desta forma, o uso da flexão no gênero feminino em todo o texto de Fabiana Moraes nos leva a inferir que Lohanne se refere a si enquanto mulher e a jornalista, na posição de escrevente do recorte histórico em que conheceu a travesti, respeita este aspecto de sua identidade enquanto sujeito.

O autoposicionamento no feminino se mostra presente, ainda, em outros enunciados do perfil de Lohanne. Dessa vez, é possível destacar trechos utilizados pela jornalista em discurso direto: “De cabelo curto e preto, pareço uma lésbica” (MORAES, 2010, p. 44) e “Os rapazes com quem eu fico dizem que eu já sou feminina demais” (MORAES, 2010, p. 44).

Desde criança, a travesti se identifica não só como mulher, mas como “galega”, fato comprovado por meio das fotografias que ilustram o perfil. O visual adotado, cabelo comprido e loiro – marcas estéticas tidas social e culturalmente como exclusivamente femininas –, denotam a intenção de ser e se provar mulher.

Em contrapartida à certeza de Lohanne da própria feminilidade, Moraes retoma a condição biológica da travesti em diversos pontos do texto. A personagem é “ex-cabeleireira nascida Jailson”, “moça que era rapaz”, “a filha nascida filho”, “um Jailson com alma de Lohanne”, em um jogo de palavras que contrapõe o antigo e o novo, como numa transformação da perfilada.

Sem esquecer que a conceituação de travestilidade adotada por este trabalho considera a pluralidade identitária dos sujeitos travestis e levando em conta experiências de encontro com travestis em Pelúcio (2007), a insistência na lembrança de que Lohanne nasceu num corpo biologicamente definido no masculino, posiciona a autora do texto em uma formação discursiva heteronormativa, calcada no binarismo entre masculinidade e feminilidade. Pelúcio (2007) classifica a heteronormatividade como um sistema que faz com que a dinâmica heterossexual seja privilegiada e mantida como norma na cultura e nas instâncias de poder, a exemplo do discurso médico, jurídico e jornalístico. Preservando a diferenciação homem/mulher, bem como os estereótipos e funções sociais carregadas por estas classificações, a jornalista demonstra olhar conduzido no sentido da norma social que exclui complexidades.

Insistindo na ideia de transformação, Moraes traça a temporalidade do que seria a metamorfose de Lohanne – da criança que era mais um dos meninos, à adulta com a qual os pais se acostumaram. Nesse sentido, ao retomar a condição biológica de Lohanne e evocar a ideia de processo, transpondo passado e presente, é possível afirmar que a jornalista se distancia da ambiguidade assumida pelo corpo travesti, segundo Próchno e Rocha (2011). Para os autores, a quebra de binarismos ilustrada pela travestilidade – esfera em que o sujeito assume a identidade feminina sem romper com a genitália masculina – é dotada de multiplicidade de sentidos explorados, ao mesmo tempo, por autora e perfilada. Nas palavras da jornalista, quando Moraes destaca a possibilidade de que a nordestina escolha apenas entre “homem” e “mulher” em seus perfis de redes sociais. Na fala de “Lourinha” quando a mesma questiona: “O que sobra para um travesti?”, única inserção de discurso direto em que se refere a si no masculino.

3.2 O “OUTRO” QUE VÊ LOHANNE

A perfilada se queixa da escassez de oportunidades. Segundo Lohanne, as únicas opções oferecidas a uma travesti são “trabalhar em salão ou se prostituir” (MORAES, 2010, p.

45). Na fala da nordestina, a beleza ou o sexo parecem ser consideradas as únicas alternativas para o corpo e a alma que demonstram travestilidade.

Considerando estereótipos como reprodutores de violência e o olhar do interlocutor como construtor de identidades – assim como o “outro” e o “eu” se atravessam no discurso (FOUCAULT, 2012) –, observamos na Matriz 2 as descrições de Lohanne feitas pela autora e na voz de conterrâneos e familiares da travesti.

MATRIZ 2 – ESTEREÓTIPOS EM LOHANNE DE OS SERTÕES

Tema: Estereótipos			
Sequência Discursiva	Emissor	Efeitos de sentido	Formação discursiva
Uma das garotas mais assediadas da cidade	Moraes	Lohanne valorizada como alvo sexual	Lohanne deseja atrair desejo sexual
os cabelos louros e compridos de Lohanne tornaram-se referência pública.	Moraes	Lohanne chama atenção	Lohanne deseja atrair olhares
usando salto alto, batom e jeans justinho	Moraes	Lohanne se produz sensualmente	Lohanne deseja atrair desejo sexual
“Lourona”, “gostosa”	Moradores de Santa Terezinha	Lohanne valorizada como alvo sexual	Lohanne deseja atrair desejo sexual
aproveitando para mostrar o novo jeans Coca-Cola Clothing	Moraes	Lohanne gosta de chamar atenção	Lohanne deseja atrair olhares
uma das garotas mais bonitas	Moraes	A beleza de Lohanne é valorizada, quando comparada a outras garotas	Lohanne deseja atrair olhares
Os homens são simpáticos, oferecem um drinque	Moraes	Os homens de Santa Terezinha consideram Lohanne alvo sexual	Lohanne está aberta a investidas masculinas
As mulheres dividem-se entre amigas (“Que tom de louro é esse?”) e inimigas (“Essa só namora homem casado”)	Moraes e moradores de Santa Terezinha	As mulheres de Santa Terezinha vezes se inspiram pela beleza de Lohanne, vezes criticam a sexualidade da travesti	Lohanne é vista, ao mesmo tempo, como símbolo de beleza e concorrente de outras mulheres
hora de chamar e receber atenção	Moraes	Lohanne gosta de chamar atenção	Lohanne deseja atrair olhares
Sua presença na cidade, quando aparece à luz do dia e sem maquiagem, não provoca grandes reações	Moraes	Lohanne é apenas mais uma moradora de Santa Terezinha	A presença de Lohanne à luz do dia poderia ser aberrante, mas não é
“Tem de trabalhar em salão ou se prostituir. Aqui não tem oportunidade”	Lohanne	As oportunidades para uma travesti são escassas no Sertão	Lohanne, como travesti, é vista como qualificada apenas para o trabalho com a beleza ou o sexo

os peitinhos se destacando na camiseta após dois anos tomando injeções e comprimidos anticoncepcionais	Moraes	As características femininas conseguidas por meio de intervenções médicas e estéticas são conquistas para Lohanne	Lohanne deseja se caracterizar e ser vista como mulher
“Os rapazes com quem eu fico dizem que eu já sou feminina demais”	Lohanne	O olhar masculino confirma a caracterização feminina de Lohanne	Seios, cabelos longos e roupas femininas constroem uma identidade feminina
Ela já participou de competições em que o cabelo sedoso, a roupa glamourosa e a maquiagem impecável eram bem mais importantes do que a opinião das competidoras sobre o aquecimento global	Moraes	No concurso Miss Gay, mais vale a estética das competidoras que suas opiniões a respeito de temas atuais	No universo travesti, beleza é mais valorizada que conteúdo
a garota posou para dezenas de fotos enquanto seu pai, hoje um sexagenário que trabalha como pintor, via a novela das seis da Globo sentado numa cadeira de balanço.	Moraes	A vida da família de Lohanne acontece normalmente enquanto a travesti tem seu momento de glória	Para a família de Lohanne, a presença da travesti é fato comum
“Eles se acostumaram. Só têm medo que eu me machuque”	Lohanne	A família de Lohanne aprendeu a lidar com a travestilidade, apenas teme possíveis ataques à jovem	Família de Lohanne são conscientes da violência à qual uma travesti está sujeita
foi uma confirmação de que suas escolhas, apesar de tudo, foram as mais certas	Moraes	A fama e o reconhecimento confirmam a validade do estilo de vida de Lohanne	Lohanne deseja atrair olhares
sonhando com uma cidade onde, assim como em Santa Terezinha, a prostituição e o trabalho nos salões de beleza ainda são as maiores opções	Moraes	Em Recife, cidade sonhada por Lohanne, os postos de trabalho para travestis também se restringem à beleza e prostituição	Lohanne, como travesti, é vista como qualificada apenas para o trabalho com a beleza ou o sexo

Fonte: Os Sertões (MORAES, 2010, p. 43-45). Elaboração própria.

Beleza, sexo e o desejo por atrair olhares são ideias constantes na definição da travesti no texto **Lohanne – na lan house das maravilhas**. Na descrição da perfilada, Moraes valoriza, em diversos trechos, a estética, a sensualidade e o assédio do qual a jovem parece ser alvo. Ser merecedora do olhar do interlocutor de Santa Terezinha – esse outro

heteronormativo que exerce poder –, aparece como o objetivo e o prêmio de Lohanne pela “insistência” em procedimentos estéticos e farmacológicos. No texto, a identidade com “certeza de ser mulher” (MORAES, 2010, p. 45) da integrante da comunidade LGBT se realiza não apenas na subjetividade da garota sertaneja, mas também pela confirmação de obedecer a padrões de feminilidade.

A aprovação desta pretensa feminilidade pelo masculino é termômetro. Privilegiado por escolhas enunciativas do texto, o desejo sexual dos homens que oferecem um drinque, “namorados” casados e rapazes com os quais a travesti “fica”, representam o campo de formações discursivas que sexualizam o corpo de Lohanne. Mesmo discurso este que tornam escassas as oportunidades da moça que questiona o destino restrito a salões de beleza ou à prostituição.

Além da estética e do corpo sexualizado, a autora faz escolhas discursivas que demonstram surpresa com a banal presença da perfilada no cotidiano de Santa Terezinha no Sertão de Pernambuco. No enunciado em que afirma que Lohanne, “quando aparece à luz do dia e sem maquiagem, não provoca grandes reações” (MORAES, 2010, p. 45), a jornalista destaca a possibilidade de a presença da travesti ser motivo de espanto fora do ambiente noturno. A formação discursiva expressa no enunciado manifesta sentidos que consideram a travestilidade como anormal e aberrante, se encarada no cotidiano diurno.

Para a família da sertaneja, sua presença travesti também é vista com normalidade: enquanto a filha posa para fotos, o pai vê a novela. Com 27 anos, Lohanne diz ter consciência da identificação como mulher desde criança e sobre sua identidade, afirma, os progenitores “se acostumaram”. A eles só resta o medo de que a caçula sofra algum tipo de violência.

3.3 LOHANNE: A TERRA, A MULHER, A LUTA

Confrontando tradição e referências internacionais – a *lan house* e a Igreja Matriz; a cachoeira do Quati e a boate –, Moraes expressa em discurso direto o que seria a reação de um potencial afetivo-sexual de Lohanne ao descobrir a identidade travesti da sertaneja: “Mas tem disso no sertão?” (MORAES, 2010, p. 45). Assim como o jeans Coca-Cola Clothing e a música de Rihanna, a travestilidade da moça é colocada, nesse enunciado, como uma novidade que surpreendentemente chegou à parte mais interior do nordeste brasileiro.

O movimento implícito no enunciado dialoga também com a interiorização da militância LGBT, tomada a partir da década de 1990 (FACCHINI, 2003). A própria luta de

Lohanne, na condição de existência, tomou a terra dos Sertões analisados na presente monografia. Nesse sentido, consideramos formações discursivas que façam referência à batalha da perfilada com relação a violências, aceitação e diversidade (Matriz 3).

MATRIZ 3 – LUTA EM LOHANNE DE OS SERTÕES

Tema: Luta			
Sequência discursiva	Emissor	Efeitos de sentido	Formação discursiva
Alguns continuam a conversa, outros desconectam na hora. Mesmo assim, Lourinha insiste.	Moraes	Lohanne poderia desistir da busca por um parceiro	A solidão seria uma alternativa aceitável para Lohanne
“O que sobra para um travesti? Tem de trabalhar em salão ou se prostituir. Aqui não tem oportunidade.”	Lohanne	Lohanne afirma escassez de oportunidades para travestis no Sertão	Travestis são relacionados ao trabalho nos ramos da beleza e do sexo
O visual dá trabalho, mas ela insiste	Moraes	Lohanne não desiste de se caracterizar como mulher	A feminilidade de Lohanne é uma busca diária
já provocou a atração de um homem que, mais tarde, ao tomar conhecimento da história de Lourinha, decidiu que apenas a morte da garota legal, sincera e simpática poderia restaurar sua masculinidade.	Moraes	Homem que se sentiu atraído por Lohanne acreditou que matá-la poderia provar novamente sua masculinidade	O envolvimento com uma travesti afetaria a masculinidade de um sujeito
A perseguição foi tanta que Lohanne saiu da cidade e passou alguns meses fora de circulação.	Moraes	Assustada, Lohanne viveu alguns meses em suspensão temporária de suas atividades	A fuga é uma alternativa em casos de ameaça de morte
Achou que ia morrer.	Moraes	Lohanne temeu por sua vida	As ameaças do homem foram levadas a sério
alguns estereótipos ainda se mantêm – e afirmar a macheza através da bala ou da faca são alguns deles.	Moraes	Apesar da convivência aparentemente harmônica com o novo, o Sertão ainda guarda costumes antiquados	Afirmar a masculinidade por meio da violência é cultura ancestral no Sertão
“Só têm medo que eu me machuque”	Lohanne	Os pais de Lohanne temem que a filha sofra violência	Iminência de LGBTfobia
foi uma confirmação de que suas escolhas, apesar de tudo, foram as mais certas	Moraes	Se caracterizar como mulher foi uma escolha de Lohanne	O esforço diário de Lohanne é recompensado pela fama momentânea
Não aciona em nenhum momento o discurso do “ser aceita”	Moraes	Clamar por aceitação seria um discurso a ser escolhido	Crítica ao discurso de aceitação
sonhando com uma	Moraes	Em outro endereço,	Os estereótipos que

cidade onde, assim como em Santa Terezinha, a prostituição e o trabalho nos salões de beleza ainda são as maiores opções para um Jailson com alma de Lohanne		também não haveria oportunidades	cerceiam as oportunidades LGBT estão presentes do Sertão à cidade grande
--	--	----------------------------------	--

Fonte: Os Sertões (MORAES, 2010, p. 43-45). Elaboração própria.

Em busca de um relacionamento sério, Lohanne relata sofrer negativas de possíveis parceiros quando estes descobrem sua travestilidade. Frente à não-aceitação, Moraes afirma que a moça “insiste” em continuar procurando um amor. O verbo “insistir”, nesse sentido, aparece destacando que até mesmo a afetividade da travesti se torna campo de luta e esforço individual. Dispensando a solidão, que segundo Facchini (2000) é comum à comunidade transgênero, a sertaneja se considera merecedora de algo mais, além da vida pacata de Santa Terezinha.

Lohanne “insiste” também, segundo Moraes, no visual feminilizado que custa tempo, dinheiro e mão de obra. Colocando as características femininas da travesti como um objetivo a ser conquistado a duras penas, Moraes trabalha a travestilidade externada pelo corpo da nordestina como um conjunto de “escolhas que, apesar de tudo, foram as mais certas” (MORAES, 2010). Opções essas, segundo formações discursivas externadas no enunciado pela autora, se legitimam pela fama e o prestígio na cidade – que “parou para observá-la” (MORAES, 2010) tirar fotos para a reportagem.

Outra barreira que, segundo a jornalista, Lohanne objetiva transpor é a do estereótipo da travesti cabeleireira ou que se prostitui. Para a nordestina, as esperanças se encontram na capital de Pernambuco, Recife, lugar onde acredita contar com novas oportunidades. No perfil, o trabalho na roça – comum na região – é apontado como serviço que “não faz sentido para a garota que adora scarpins” (MORAES, 2010), outras alternativas e sonhos da sertaneja não são explorados.

A LGBTfobia em forma de violência física está presente no texto a partir do relato de ameaças de morte sofridas por Lohanne. Restaurar a própria masculinidade seria o objetivo do homem que desejou findar a vida da travesti com quem se envolveu via internet. Assustada pelas violentas declarações do sujeito, a sertaneja ficou “fora de circulação” – tal qual moeda de troca – por algum tempo. Segundo a perfilada, a discriminação é conhecida por seus pais que, já acostumados à travestilidade da filha, só temem pela vida de “Lourinha”.

Algumas frases em seguida, a despeito do relato de violência, Moraes destaca que Lohanne “não aciona em nenhum momento o discurso do ‘ser aceita’” (MORAES, 2010, p. 45), em enunciado que parece valorizar o suposto não-posicionamento político da travesti. Em contraste, a jornalista relata ao longo de todo o texto o desejo da sertaneja por oportunidades além dos estereótipos, seja no mercado de trabalho, no campo afetivo ou no sentido à própria expressão de suas características culturalmente associadas ao feminino.

Finalizando o texto, a autora investe em formações discursivas pouco esperançosas: em Recife, afirma que “assim como em Santa Terezinha, a prostituição e o trabalho nos salões de beleza ainda são as maiores opções para um Jaílson com alma de Lohanne” (MORAES, 2010), confirmando a existência de preconceitos contra a travesti também fora da paisagem do Sertão.

4 CONSIDERAÇÕES: PROGREDIMOS OU DESAPARECEMOS?

Utilizando-se da reportagem-perfil **Lohanne – Na *lan house* das maravilhas**, parte do livro-reportagem **Os Sertões**, de Fabiana Moraes, essa pesquisa buscou compreender a construção social da identidade travesti e discutiu sua representação pelo chamado Jornalismo Literário. Questionando as pontualidades do discurso da autora ao representar a travesti de Santa Terezinha, Pernambuco, as considerações tecidas na presente monografia se basearam na Análise do Discurso de linha francesa, expressa principalmente nos estudos de Michel Foucault, ao observar o exercício da cidadania no olhar jornalístico sobre o sujeito LGBT.

Partindo de hipótese formulada com base na consideração do Jornalismo Literário como ferramenta emancipatória e humanizadora de sujeitos, acreditou-se que a reportagem-perfil **Lohanne – Na *lan house* das maravilhas** seria capaz de produzir e explorar novos sentidos acerca da subjetividade de travestis. Consequentemente, atuando positivamente na luta anti-LGBTfobia, aproximando representação e identidade de seus agentes marginalizados e provocando novas leituras sociais dos mesmos.

Entretanto, o desenvolvimento do estudo acabou por demonstrar que o perfil jornalístico literário de Lohanne carregou em si marcas e pontualidades que acabaram por confirmar estereótipos do sujeito travesti. Marca disso é a insistência da autora em destacar a condição biológica da sertaneja, o que representou um artifício capaz de conferir movimento e, em alguma medida, humor ao texto, mas se mostrou controversa, uma vez que desvaloriza nome e gênero sociais de Lohanne.

O olhar de Moraes parece também contrastar com a própria integração de Lohanne na comunidade de Santa Terezinha. A jornalista destaca, em enunciados que demonstram surpresa, a banalidade da presença da jovem de 27 anos na paisagem do Sertão. Observando o corpo, a vestimenta e os modos de Lohanne, valoriza a sexualidade, sensualidade e estética da sertaneja, em detrimento de seus sonhos e planos – só se sabe que deseja uma vida fora do Sertão e um relacionamento sério.

Com relação à luta da LGBT, Moraes escreve que a travesti não aciona o discurso de aceitação. Tal formação discursiva faz o movimento contrário à ideia que coloca a ocupação de Lohanne e seu corpo no Sertão – que contrasta tradição e novas referências – como forma de resistência em contraposição ao poder heteronormativo. Batalha silenciosa e simbólica, travada até mesmo com a sobrevivência da sertaneja frente à iminência de LGBTfobia.

Nesse sentido, o caráter literário de **Lohanne – Na *lan house* das maravilhas** acabou por dar tratamento superficial às lutas e sonhos da travesti. Em nome da materialidade

artística do texto, algumas escolhas enunciativas demonstraram tratamento apressado a particularidades da subjetividade de Lohanne em benefício a pontualidades discursivas presentes para dar ritmo ao dito. A obediência a formações heteronormativas e calcadas em alguns estereótipos a respeito do sujeito LGBT não foi efetiva no sentido de criar novos sentidos ao representar sujeitos transgênero.

Por último, ao finalizar considerando “um Jaílson com alma de Lohanne”, a autora apaga a subjetividade expressa no corpo social da sertaneja que responde no feminino e apresenta o fim trágico ao qual o sujeito travesti estaria aprisionado: o salão de beleza ou a prostituição, seja no Sertão ou em Recife.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcelo Marques. **Comunicação, língua e discurso**: uma análise terminológica de um dicionário de especialidade. 2011. 339 f. Tese (Doutorado em Letras e Comunicação) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

BARBOSA, Bruno César. **Nomes e diferenças**: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. 2010. 130 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

COSTA, Deyvisson Pereira da. **Corporiedades em tempos de biopoder**: o discurso midiático sobre o cuidado com o corpo. 2009. 97 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produto de identidades coletivas nos anos 90**: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Campinas: Unicamp, 2000. 245 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 81-125, 2003. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/acl/article/view/2510/1920>>. Acesso em 2 out 2018.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad** - Revista Latinoamericana, Rio de Janeiro, n. 3, p. 54-81, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2933/293322974004/>>. Acesso em 2 out 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

_____. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GREEN, James. "More love and more desire": the building of brazilian movement. In: ADAM, B; DUYVENDAK, J; KROUWEL, A. **The global emergence of gay and lesbian politics: national imprints of a worldwide movement**. Philadelphia: Temple University Press, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACRAE, Edward. **O militante homossexual no Brasil da "abertura"**. São Paulo: USP, 1985. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

MARTINELLI, Andréa. Após 28 anos, OMS deixa de classificar transexualidade como doença mental. **Huffpost Brasil**. São Paulo, 18 jun. 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/18/apos-28-anos-transexualidade-deixa-de-ser-classificada-como-doenca-pela-oms_a_23462157/>. Acesso em 20 jun. 2018.

MORAES, Fabiana. **Os Sertões**. Recife: Cepe, 2010.

MOSQUEIRA, "Então chegamos": representações do feminino nas páginas d'O Lâmpião da Esquina (1978-1981). **Albuquerque: revista de história**. Campo Grande, v. 7, n. 13., jan. - jun./2015, p. 25-43.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras - Volume 2**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Porto Alegre: JAEEditores, 2008.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids**. 2007. 313f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA, Cleyton. Notas sobre a trajetória das políticas públicas de direitos humanos LGBT no Brasil. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 4, n. 1, jan./jun. 2016, p. 115-137.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestis: subjetividades em construção permanente. In: PARKER, R; RIOS, L; UZIEL, A (Orgs.). **Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem**: origens, conceitos e aplicações. 2009. Trabalho apresentado ao 14. Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/MQw83>> Acesso em: 20 jan. 2015.

PORTAL IMPRENSA. Prêmio Esso de Jornalismo 2009 anuncia os trabalhos finalistas. São Paulo, 23 out. 2018. Disponível em: <http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/29226/premio+esso+de+jornalismo+2009+anuncia+os+trabalhos+finalistas>. Acesso em 18 ago. 2018.

PRIZIBISCZKI, Cristiane de Azevedo. A práxis do livro-reportagem: teoria e prática em diálogo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 30., 2007., Santos. **Anais eletrônicos...** Santos: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/0tFgSO>> Acesso em: 20 jan. 2015.

SILVA, Amanda. O perfil jornalístico como uma leitura do cotidiano. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 12., 2010, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0196-1.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

SILVA, Claudio. **Reinventando o sonho**: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SILVA, Francisco Paulo da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (org.) **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 159-179

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis**: e como escrevê-los. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANEXO A – CORPUS DA PESQUISA



UMA DAS GAROTAS MAIS ASSEDIADAS DA CIDADE, A TRAVESTI SONHA COM UMA VIDA MENOS PACATA, SÓ ENCONTRADA NOS SITES E REDES SOCIAIS ONDE ELA PRECISA OPTAR POR "HOMEM" OU "MULHER" NO MOMENTO DO CADASTRO.

Santa Terezinha, Sertão do Pajeú, Pernambuco



Numa cidade com pouco mais de 10 mil habitantes, seis *lan houses*, uma boate e um bar na praça, onde se podem ouvir sucessos como o tema do filme *Flashdance*, os cabelos louros e compridos de Lohanne tornaram-se referência pública. A Igreja Matriz, o Açude do Virgulino e a Cachoeira do Quati, orgulhos turísticos do município, são atrações menores quando, nas noites de sábado, a filha de dona Lourdes e de seu Ramiro caminha pelas ruas usando salto alto, batom e jeans justinho. "Lourona", "gostosa". O Raul's Night Club está lotado: é ali que a sociedade local se reúne para ouvir de Madonna a Aviões do Forró, aproveitando para mostrar o novo jeans Coca-Cola Clothing comprado na moderninha Wilton Confecções. Lohanne, 27 anos, é sempre uma das garotas mais bonitas. Os homens são simpáticos, oferecem um drinque. As mulheres dividem-se entre amigas ("Que tom de louro é esse?") e inimigas ("Essa só namora homem casado").

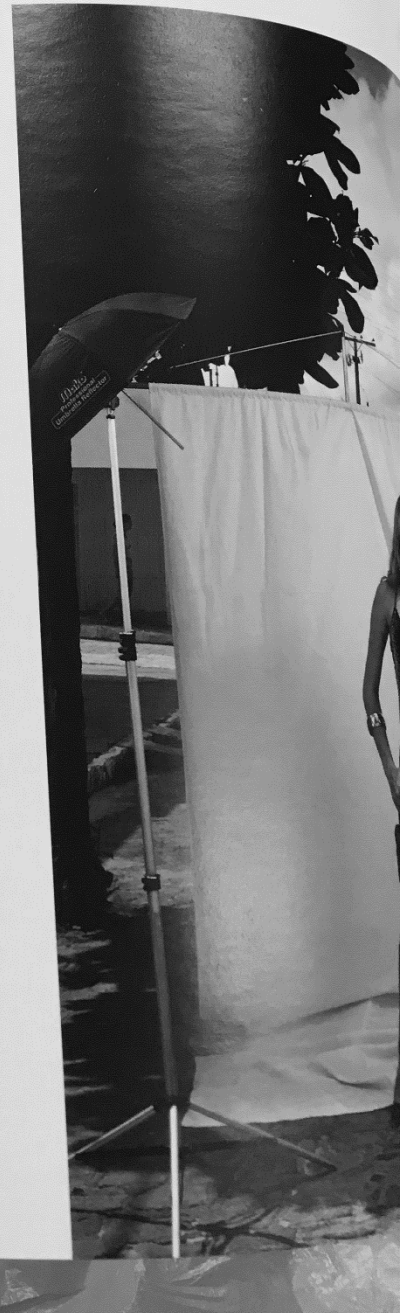
Enquanto sábado é o dia preferido, hora de chamar e receber atenção, o resto da semana segue numa calmaria quase insuportável para Lourinha, codinome da ex-cabeleireira, nascida Jailson. Sua presença na cidade, quando aparece à luz do dia e sem maquiagem, não provoca grandes reações. A moça que era rapaz é tão comum por ali quanto o padre, o adolescente de tênis All Star, a dona da farmácia. "Aqui não acontece nada", diz ela, entre tímida e entediada, sobre a cidadezinha que até 1963 era distrito de São José do Egito. A saída, além da cerveja no Raul's, é a Speed Link, *lan house* onde ela acessa o Facebook, o Mensagens Virtuais e o Sonico, sites nos quais mantém seu perfil disponível para o mundo – e onde só se pode optar entre "homem" e "mulher" no momento do cadastro. "Sou legal, sincera, simpática, alegre, jovem, bonita, simples", informa em uma página. "Sou uma pessoa solteira, estou à procura de um namorado que queira algo sério... Por favor enviar foto, ok!", diz em outra. Passa cerca de três horas por dia ali, conversando e procurando algo e alguém. De vez em quando, via MSN, um ou outro se espanta quando a moça que quer relacionamento sério entrega seu nome de batismo. "Mas tem disso no Sertão?" Alguns continuam a conversa, outros desconectam na hora. Mesmo assim, Lourinha insiste. Investe cerca de R\$ 20 por semana para sair, ainda que virtualmente, de Santa Terezinha. "O que sobra para um travesti? Tem de trabalhar em salão ou se prostituir. Aqui não tem oportunidade".

Lourinha, os peitinhos se destacando na camiseta após dois anos tomando injeções e comprimidos anticoncepcionais, nunca se

interessou por ofertas de emprego em um dos três postos de combustíveis da cidade, tampouco se vê plantando algodão, feijão, milho, banana ou caju, algumas das bases da produção agrícola que sustenta o município. O trabalho na roça, comum na região e já realizado por seus pais, não faz sentido para a garota que adora scarpins, retoca as raízes do cabelo a cada três meses e arranca os detestados pelos masculinos com uma pinça. O visual dá trabalho, mas ela insiste. "De cabelo curto e preto, pareço uma lésbica".

44

Os cuidados valem a pena: é fácil acreditar que Lohanne nunca foi Jailson. Desde pequena, ela conta, já havia a certeza da condição feminina – ainda que os pais insistissem em fazer do garoto magrinho, de traços suaves, mais um filho entre os dois outros já nascidos. A certeza de ser mulher – e galega, é bom sublinhar – é tanta que Lohanne descarta, hoje, fazer uma mudança de sexo. "Os rapazes com quem eu fico dizem que eu já sou feminina demais". Esse corpo de mulher, ambíguo apenas por fora, já provocou a atração de um homem que, mais tarde, ao tomar conhecimento da história de Lourinha, decidiu que apenas a morte da garota legal, sincera e simpática poderia restaurar sua masculinidade. A perseguição foi tanta que Lohanne saiu da cidade e passou alguns meses fora de circulação. Achou que ia morrer. No Sertão, apesar das Speed Links da vida, de Rihanna cantando Umbrella na boate ou dos tantos jovens circulando com cabelos moicanos e calças justinhas, alguns estereótipos ainda se mantêm – e afirmar a macheza através da bala ou da faca são alguns deles.



//
 (...) E ALI ESTÃO COM SUAS VESTES
 CARACTERÍSTICAS, OS SEUS HÁBITOS
 ANTIGOS, O SEU ESTRANHO AFERRO
 ÀS TRADIÇÕES MAIS REMOTAS"



A FALA É MEIO FINA, TÍMIDA E ÀS VEZES
 EDITADA: A VOZ DA DONA DA FAIXA ROSA
 DE CETIM FICOU DIFERENTE NO TOM E NO
 SENTIDO, RESULTADO DOS MUITOS ANOS
 PROCURANDO SE ADEQUAR A SI MESMA

PRINCESA

Nem tudo é preconceito, tédio e Twitter na vida de Lohanne. Ela já participou de competições em que o cabelo sedoso, a roupa glamourosa e a maquiagem impecável eram bem mais importantes do que a opinião das competidoras sobre o aquecimento global. Usando um top e uma saia vermelhos, após ser maquiada pela dona de um salão de beleza de Santa Terezinha, Lourinha saiu vencedora do concorrido concurso Miss Gay 2007, realizado em Patos, Sertão da Paraíba. Foi emocionante receber a coroa e a faixa de um óbvio, mas apreciado, cetim rosa. Usando o último acessório, a garota posou para dezenas de fotos enquanto seu pai, hoje um sexagenário que trabalha como pintor, via a novela das seis da Globo sentado numa cadeira de balanço. Não se incomodou com a presença de repórteres em sua casa humilde, onde alguns dos bens adquiridos são exibidos orgulhosamente na estante marrom. Enquanto seu Ramiro acompanhava o amor lacrimoso entre Santinha e Zeca Diabo, a filha nascida filho posava vestida com um top de oncinha sob a faixa brilhante. "Eles se acostumaram. Só têm medo que eu me machuque". O pai não diz nada. Continua a se balançar e olhar para Santinha. (...) A sessão de fotos chega ao fim e Lourinha, que viveu uma quinta-feira atípica naquele dia, volta a ficar séria, meio triste. Para ela, posar na praça da cidade, que parou para observá-la ("Eu tava no fogão, mas corri para cá quando me avisaram que tavam te filmando", diz uma vizinha), foi uma confirmação de que suas escolhas, apesar de tudo, foram as mais certas. No outro dia, sabe, voltará a viajar para outra cidade numa ida à *lan house*. No sábado, vai se maquiagem e dançar no Raul's. Não aciona em nenhum momento o discurso do "ser aceita" — ela só quer, de fato, que algo aconteça. "Me disseram para ir morar no Recife. Falaram que eu faria muito sucesso por lá", diz ela, sonhando com uma cidade onde, assim como em Santa Terezinha, a prostituição e o trabalho nos salões de beleza ainda são as maiores opções para um Jailson com alma de Lohanne.